

Mila Petrillo/CB/D.A Press

Renato Russo: o líder da Legião Urbana injetou poesia e consciência política no rock



OUVIDO QUE NÃO É NORMAL

A MÚSICA

MEIO SÉCULO É MUITO PARA UMA PESSOA E POUCO PARA UMA CIDADE. EM CINCO DÉCADAS, A CAPITAL MOSTROU AO PAÍS QUE MÚSICA TAMBÉM É SUA VOCAÇÃO

Carlos Silva/Esp. CB/D.A Press



Zélia Duncan: dos Concertos Cabeças à ecloração do rock'n'roll

CIDADE PLANEJADA PARA O TRABALHO ORDENADO E EFICIENTE, MAS AO MESMO TEMPO CIDADE VIVA E APRAZÍVEL, PRÓPRIA AO DEVANEIO E À ESPECULAÇÃO INTELCTUAL, CAPAZ DE TORNAR-SE, COM O TEMPO, ALÉM DE CENTRO DE GOVERNO E ADMINISTRAÇÃO, NUM FOCO DE CULTURA DOS MAIS LÚCIDOS E SENSÍVEIS DO PAÍS

LUCIO COSTA

A cidade que acolhe os políticos mais votados pelo povo após as eleições é a mesma que tem um ouvido apurado para reconhecer e projetar músicos de muito talento. Pouco antes da cena roqueira explodir nos anos 1980 e escrever o nome da capital na história da cultura nacional, Oswaldo Montenegro dava seus primeiros acordes no planalto. Ele chegou aqui em 1971, com 15 anos, acompanhado da família e conheceu uma cena artística ainda em gestação. “Assim que cheguei, conheci a família Prista Tavares, todos músicos. Eles me levaram para concertos na UnB, e me mostraram todo tipo de realização musical, teatral, que eu jamais tinha visto”, conta o cantor.

A herança barroca trazida da cidade mineira de São João Del Rey chocou-se com a novidade de uma terra cuja identidade é a diversidade. “Não havia história nem referências. Era como uma terra virgem, em que nada era impossível. A sensação de que tudo ainda estava por ser feito despertava na gente uma espécie de coragem inocente”, revela. O compositor carioca retornou para o Rio de Janeiro em 1979, mas deixou sua relação íntima com a capital imortalizada em várias canções, como *Léo e Bia*: “No centro de um planalto vazio / Como se fosse em qualquer lugar.”

Zélia Duncan, como Oswaldo, é carioca e chegou ao planalto central em 1971, com sete anos. Iniciou a carreira artística 10 anos depois, cercada de gente jovem e ávida por maneiras de manifestar ideias e sentimentos. “Desde a estreia na Sala Funarte, aos 16 anos, até cantar no Concerto Cabeças e ver o rock 'n' roll ganhar corpo, tudo isso eu vi de perto”, ela recorda. Ainda no início da década mais fértil da música brasileira, surgia outra carioca de voz inesquecível, recém-chegada na capital: era Cássia Eller.

CAPITAL DO ROCK

Fim dos anos 1970, início dos anos 1980. O rock brasileiro vivia uma era de estiagem criativa. Curiosamente, chuvas abundantes de personalidade, vitalidade e energia musical se precipitaram sobre o cerrado brasileiro, com letras cerebrais, acordes de guitarra inspirados no punk inglês e vozes despertadas pelo fim do militarismo. “Brasília fez essa turma ter sua voz”, define Philippe Seabra, vocalista e guitarrista da Plebe Rude, que voltou à ativa na década passada. Dinho Ouro Preto, líder do Capital Inicial, vai ainda mais longe ao comentar o legado deixado por sua geração: “Eu espero que não se possa falar da cultura brasileira sem falar da gente”.

Capital Inicial, Legião Urbana e Plebe Rude participaram de um movimento que despertou a cena nacional de um sono pesado e preguiçoso. Mas tudo começou com Aborto Elétrico, de Renato Russo, e Blitz 64. Membros dos dois grupos pioneiros consolidaram uma nova era da música, numa década em que o tédio foi vertido em surto musical. Os Paralamas do Sucesso tiveram participação fundamental na acolhida ao punk brasileiro, atraindo as atenções, antes voltadas para o Rio, para o centro do país. “Minha universidade entrava em muitas greves, e eu ia pra Brasília. Vi todo aquele movimento começando. E voltava pro Rio empolgado”, relata Bi Ribeiro, baixista do Paralamas, que morou na capital dos 10 aos 17 anos.

Da gravação à divulgação, tudo era feito de maneira independente, impulsionado pela vontade de se fazer conhecido e tornar o rock algo universal, mas cantado em português. “A gente fazia camisetas pra vender na Torre. Eu fazia o fanzine da turma, livreto em xerox que distribuíamos nos shows”, revela Dinho.

O fim daquela década ainda assistiu ao surgimento de outras bandas que perpetuaram o punk rock oitentista nos anos 1990, como Little Quail & the Mad Birds e Raimundos, sem falar em grupos que passaram quase sem ser notados no período pós-1980, como Maskavo Roots. Digão, do Raimundos, era garoto quando Renato Russo levantava a bandeira do rock brasileiro e se inspirou muito naquela “época de ouro”. “A própria cidade, o ócio que a gente tem aqui, isso foi influência na nossa música. Era um movimento muito bacana, com muitas bandas novas, vendendo demos”, lembra o músico.

Dinho Ouro Preto sintetiza aqueles anos incríveis em apenas uma frase: “Aquilo tudo ficou tatuado na cabeça de todo mundo”. Se o rock brasileiro algum dia chegou a ser dado como morto, em Brasília ele foi trazido de volta à vida. E continua a surpreender.

Na primeira década do novo milênio, a capital foi tomada por bandas que conjugam estilos diferentes, como o hardcore e o indie, mas fiéis a temas com a cara da cidade. O apoio vem de bandas amigas, produtoras locais e donos de casas de show. O grupo mais comentado dos últimos tempos na cena alternativa nacional é o Móveis Coloniais de Acaju, surgido em 1998. A sonoridade é difícil de se definir, e eles classificam suas canções no estilo “feijoadá búlgara” — o que não esclarece muita coisa. Uma banda como essa só poderia ter nascido na capital brasileira do multiculturalismo. “A gente nunca fez uma menção a Brasília de uma forma muito explícita, mas ela está em todas as nossas composições”, afirma o tecladista Eduardo Borem, um dos fundadores do Móveis.

O circuito independente ganhou frescor com os chamados “coletivos”, impulsionados por formações como The Pro, Watson, Tiro Williams e outros. Elas se apresentam em bares e pubs à noite, gravam singles e álbuns com dinheiro do próprio bolso e, pouco a pouco, ganham reconhecimento dos brasilienses.

MÚSICA POPULAR BRASILENSE

Brasília foi a capital do rock, mas sempre colecionou músicos dos mais variados gêneros. Música popular brasileira de qualidade é garantia de artistas que frequentam o Clube do Choro, fundado em 1977. Além de apresentações semanais, a agremiação sedia a Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello, onde estudam os jovens instrumentistas da cidade. Se os norte-americanos têm o jazz, nós temos o choro. “Sempre foi um celeiro. É onde os músicos se encontram, por causa das atrações que sempre tocam no clube”, comenta Pablo Fagundes, único professor do curso de gaita cromática da instituição.

Hamilton de Holanda, um dos principais instrumentistas brasileiros dos últimos 15 anos, conserva “uma relação de família” com a capital. Veio para cá com apenas um ano de idade e foi criado “numa obra de arte a céu aberto”. Cresceu alimentando o gosto pela cultura carioca e mineira, que, segundo ele, são influenciadas pelo choro. Ex-professor da Raphael Rabello, Hamilton entende que “quem nasce ou mora em Brasília tem o coração aberto a todas as culturas”. A sambista Ellen Oléria, brasileira que passou a infância entre Ceilândia e Taguatinga e que hoje mora no Núcleo Bandeirante, canta e compõe da maneira que só um nativo daqui conseguiria fazer. “Amo ficar presa num engarrafamento que me traz uma mistura de beleza natural e cimento, concreto. A arquitetura, o céu, o cerrado. A gente nem precisa fazer muita força. Brasília está no nosso olhar”, ela devaneia.

Depoimento/

“A partir daquele dia tudo mudou”

Dinho Ouro Preto

Embora eu não more mais em Brasília há anos, passei alguns dos momentos mais intensos da minha vida na cidade. Um deles foi a caminho de casa depois da escola, numa tarde ensolarada de verão. Eu ia passando distraído pela 110 Sul, quando comecei a ouvir um ruído indefinido vindo do Cine Karim (existe ainda?). À medida que eu me aproximava, o barulho ia aumentando, até que me deparei com a seguinte cena: uns sete caras e três meninas assistindo uma banda que se apresentava na calçada da lanchonete, que ficava entre a 111 e a 110 Sul. A lanchonete era conhecida por envenenar seus clientes, entre eles meu pai, mas os caras da banda, mesmo assim, tocavam em troca de sandubás. Me aproximei o máximo que eu pude, até que, à distância em que eu estava, o som já era ensurdecedor e completamente incompreensível. Todos os instrumentos e a voz estavam ligados em um só amplificador que parecia ter sido fabricado na garagem de um deles. Eu não conseguia entender uma só sílaba do que aquele sujeito meio esquisito cantava, mas eu pensei, tudo bem, é uma zona, mas é rock. Obá!

A cara daquela turma era algo que eu nunca tinha visto antes. Cabelos pintados, espetados, roupas rasgadas, alfinetes por todo lado, coleiras, pulseiras com tachinhas etc. Enfim, parecia que algum portal para outra dimensão tivesse se aberto e de lá saído uma turma de alienígenas. Mesmo assim, na hora, eu queria mais do que tudo fazer parte daquilo, ser admitido naquela gangue. Não tinha a menor ideia de quem eram ou do que faziam, mas na Brasília do começo dos anos oitenta, ainda em pleno regime militar, aquilo era um sopro de liberdade e subversão... o que mais um adolescente podia querer? Resumo de uma longa história: eu os segui em todas as suas apresentações, até que se dignassem a me dirigir a palavra. E, finalmente, depois de muita insistência, conheci a banda. E só então me dei conta de que aquela tarde na 111, em que os vi pela primeira vez, absolutamente por acaso, tinha sido o momento em que minha vida tomou outro rumo. É raro você poder apontar para um dia na sua vida e dizer: “Foi aqui. A partir desse dia, tudo mudou!”. Mas para mim foi assim. A banda era o Aborto Elétrico: o Fê (baterista) e o Flávio (baixista) tocaram comigo até hoje no Capital e o cara esquisito era o Renato Russo, posteriormente conhecido como Renato Russo.

Dinho Ouro Preto: “Eu espero que não se possa falar da cultura brasileira sem falar da gente”

Cadiu Gomes/CB/D.A Press

